Michele Angelillo, quando a fotografia é a Raio X

Uma radiografia, em aparência, é uma fria película bicolor. O branco e o preto imprimem sobre a placa as estruturas de um organismo. Michele Angelillo deu à radiografia uma definição anterior, fazendo-a um instrumento para a narração. Uma fronteira diferente da arte fotográfica. Um tórax assume, assim, um colorido azul elétrico tornando-se um lugar ideal para limitar um leito de pedras cinza ou muito brancas. O corpo assinala a demarcação de elementos naturais. Um crânio azulado mantém uma construção improvável, com estruturas frágeis, como castelos de areia, quase a querer exprimir o sentido do incompreendido, a impalpabilidade da vontade ou a indeterminação do ser. Radiografias como meio para a comunicação e para a arte. Mas não somente. A reprodução de um cadeado, normalmente preto, pode ser moldura para tiros que param a contemporaneidade. Crua realidade de lugares aparentemente distantes. Um "menino da rua", brasileiro, que vive à margem de uma calçada como se fosse sua casa, um menino que sobre a areia contempla o horizonte incerto além da onda do oceano. Uma originalidade completa, com pés firmemente enraizados dentro das sociedades metropolitanas. Uma manifestação da arte que faz lembrar a obra Bang Bang de Giuseppe De Marco, flexíveis falanges de uma anônima mão passada pelos Raios X, com o dedo indicador carregado – a não prejudicar - come o cano de uma arma pronta para disparar. Não é de admirar que os dois artistas advirtam a troca como necessidade. O real como o virtual e vice-versa. O etéreo serve com borda à tangibilidade, nunca sobreposto a esta. Não surpreende que Michele Angelillo, através dos «Fotogramas em azul», colocados em amostra entre Salerno e Nápoles, esteja prestes a exibir seus trabalhos, de oito de junho a sete de julho, no Instituto Italiano de Cultura de Grenoble. Depois de Florianópolis, Colônia e Bucareste é a vez da cidade alpina francesa explorar a prospectiva além da fotografia digital de Michele Angelillo.

Pierluigi Morena